

ELDORADO

Bernardo Spindola Mendes²

Diante da fachada do hotel, com o pesado estojo preto nas mãos, lhe viera de novo a balada do pistoleiro: pressionara então a pequena saliência na parte inferior da alça e, com o indicador direito, acionara o dispositivo que liberava os dois canos de metal da extremidade frontal. Botaria fácil, pensou, fácil, aquele hotel abaixo, puro compensado naval, uns tabiques carunchados de cambiadores de moeda, traficantes, taxistas mercenários e mulas viciadas. Em meio às rajadas voaria um enxame de cuecas gordas e lingerie baratas e, muito antes da guarda municipal aparecer, ele já estaria fritando cento e vinte cinco cilindradas sequestradas em direção à Caracas, deixando pros amigos e familiares somente a memória difusa de um rapaz morto mas, nossa, tão bonzinho, quem diria, um pacifista onde dormitava a dualidade da luta armada.

Riu. Deitou-se na cama e voltou a pensar no silêncio dos três homens.

Surpreendera-se, durante o trajeto, com a sequência de carros carbonizados largados no acostamento, algo insólito diante da imagética escolar, abundante e verde da selva amazônica. Contara ao menos uma meia dúzia deles, a maioria já comida pelo mato.

— Contrabando — dissera o motorista. — Eles metem uns tanques superdimensionados no carro e ficam chupando combustível de Santa Elena pra Pacaraima, um puta negócio, o litro lá é coisa de centavo. O problema é quando baixa a federal. Daí só resta pro cabra abandonar o carro e meter-se pro mato. Então metem fogo.

O rapaz ainda quis perguntar se quem metia o fogo era a polícia ou o dono do carro, mas calou-se. Desde a saída de Roraima que se estabelecera ali dentro, entre ele e os três homens mudos no banco de trás, um silêncio constrangedor, que começara na arrumação da bagagem: o motorista havia empurrado pro fundo do porta-malas uma espécie de entulho perene de ferramentas misturadas a restos de reforma e preenchido o único espaço sobrado com a imensa mochila setenta litros do rapaz e aquele seu incômodo estojo preto. E só. Às três mochilas escolares encardidas de terra sobraram os colos dos três homens, que o rapaz agora evitava pelo pequeno espelhinho retrovisor do lado direito.

A abundância do verde fora quase monótona. Diferente de uns dias atrás quando, ainda em Manaus, o rapaz vira só azulejo, asfalto e um rio Negro caminhável de tanto lixo acumulado no meio dos embarcadouros. Nenhuma sombra. Alguém lá dissera que por ali o

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; bernardospindola@gmail.com.

verde era chamado de mato — e mato bem no sentido de coisa pra se livrar. Mesmo caindo sobre as ruas um calor líquido, ele não deixara de concordar: se nascesse e vivesse ali, talvez cansasse mesmo de mato, e passasse a reivindicar o direito de morar também em uma cidade comum de novela, por que não, afinal todos ali tinham os mesmos desejos do mundo. Não eram uma reserva, ou um zoológico turístico. Eram uma cidade. Concluía por fim que o amor incondicional por um verde intocável era um privilégio de gente de fora.

Privilégio. Aquela palavra tomou-lhe a cabeça.

Ergueu-se, alcançou o estojo preto e começou a montar, uma a uma, cada parte dourada, organizando tudo sobre o lençol de poliéster barato. Voltou-lhe a lembrança da dúvida diante do balcão, a escolha entre o acabamento prateado ou dourado. Apontara por fim o segundo, porque havia gostado daquele dourado puído, já quase marrom, onde era possível enxergar demãos de donos anteriores. Isso fora há mais de um ano. Agora, naquele quarto minúsculo, a cada polimento seguia um encaixe e a cada encaixe uma tentativa de compreender toda aquela empreitada absurda: São Paulo, Manaus, Roraima, dali uns dias Caracas, enfim o famoso *El Sistema* das orquestras jovens venezuelanas. Que tipo de maluco, pensou, arrastava um trombone pela floresta amazônica apenas pra pedir um punhado de lições de música?

Resignou os lábios com a boquilha e preencheu a melancolia da noite com uma nota longa. Uma nota dourada, cheia de sonhos possíveis, amparada no dinheiro seguro, no privilégio do tempo e no calor do retorno. Mas retornava-lhe, iniludível, a mudez do banco de trás do Monza azul-petróleo, o constrangimento do diálogo ausente, a imagem daqueles homens recém saídos do interior da terra. Junto ao som que agora cessava, caía a noite, e com ela a graça daquela viagem que de repente lhe parecia um simples capricho. Sim, compartilhara com eles uma breve direção comum, mas seguiam em sentidos opostos, onde todo o silêncio era simplesmente a expressão de destinos incongruentes. O rapaz viajava e levava um trombone dourado. Os três homens apenas moviam-se, de greta em greta, arrastados pela maldição de um Eldorado impossível.